

LOCAL: UMA ESCALA DE ANÁLISE PRIVILEGIADA
EM GEOGRAFIA ?

— UMA LEITURA DO PROJECTO C. U. R. S.

Uma perspectiva geográfica define-se, essencialmente, pela orientação filosófica seguida, estando-lhe associados um determinado objecto de estudo e uma metodologia própria (não necessariamente única, pois pode ser partilhada por outras ciências sociais).

Recentemente, os estudos locais têm-se (re)afirmado como uma das escalas de análise mais utilizadas na prática da geografia. Após um período em que se privilegiou exageradamente a estrutura, regressamos ao estudo de casos, correndo-se o risco de um retorno ao empiricismo (FERRÃO, 1987 e ver nota de SILVA no mesmo número desta revista).

A (re)afirmação do local nas ciências sociais deve-se, em grande medida, aos trabalhos de STOHR (1981), onde se discute a problemática

(³) Os responsáveis por cada uma das áreas foram, pela ordem indicada em (2): K. BASSET e M. HARLOE, R. HUDSON, R. MEEGAN, D. SMITH, H. COWEN, J. URRY, C. PICKVANCE. Colaboraram no projecto outros investigadores.

do desenvolvimento, concluindo-se que o desenvolvimento «de baixo para cima» é uma via alternativa ao clássico «de cima para baixo». Outros trabalhos importantes foram desenvolvidos por autores italianos (BAGNASCO, 1977, FUÁ e ZACCHIA, 1983, GAROFOLI, 1978), incidindo sobre a «Terceira Itália», a região Nordeste e Centro, com um modelo de desenvolvimento contrastante ao do Norte (economia familiar, pequenas e médias empresas, iniciativas locais, etc.). O sucesso económico desta região foi largamente difundido, acabando por se afirmarem as teorias do desenvolvimento endógeno, sem no entanto deixarem de ser alvo de algumas análises críticas (FERRÃO e MENDES BAPTISTA, 1989).

Nesta pequena nota procuramos discutir a validade dos estudos locais, através de uma leitura crítica do primeiro trabalho do projecto CURS — *Changing Urban and Regional Systems* — desenvolvido pelo Economic and Social Research Council no Reino Unido e coordenado por DOREEN MASSEY, cujo título é *Localities — The Changing Face of Urban Britain* e foi dirigido por PHILIP COOKE.

Os objectivos deste projecto eram a análise do impacto da reestruturação económica aos níveis nacional e local e o papel das políticas do poder central e local no desenvolvimento das localidades, bem como a capacidade destas influenciarem as estruturas macro-económicas. Procura-se «...to examine the extent to which localities can act as a viable base for social mobilization and exert influence upon outside forces which help shape their destiny» (p. 3).

Um dos primeiros problemas residia na escolha dos lugares, tendo sido seleccionados Middlesbrough, Lancaster, Liverpool, SW de Birmingham, Cheltenham, Swindon e ilha de Thanet. A selecção dos locais a estudar procurou ir ao encontro de situações contrastantes em Inglaterra, tendo presente a existência de desequilíbrios entre o Norte e o Sul. O primeiro aspecto crítico que queremos referir prende-se com o facto da selecção dos locais ter sempre de privilegiar o peso das estruturas macro-económicas, revelando, portanto, alguma fraqueza deste tipo de abordagem. Numa situação contrastante, os lugares escolhidos não seriam representativos da realidade inglesa, podendo mesmo questionarmo-nos sobre a validade do estudo. A única solução para se evitar as estruturas macro-económicas, à partida, assenta no estudo de todos os lugares, obviamente tarefa impossível de realizar dentro dos parâmetros tempo e custo.

As localidades escolhidas, de acordo com o que já dissemos, representam situações contrastantes no espaço económico inglês (quadro 1). Swindon e Cheltenham, no Sul, são locais com taxas de crescimento fortes e com uma especialização em indústrias de alta-tecnologia e em serviços de apoio à produção. As localidades do Norte são áreas com a presença de indústrias tradicionais, e entraram em crise nos anos 60, encontrando-se, actualmente, num processo de reestruturação. A ilha de Thanet, em Kent, é o único caso estudado onde a actividade turística é a actividade principal, embora o local tenha sofrido também com a concorrência internacional.

QUADRO 1

Caracterização-resumo das localidades estudadas

	Localização	Situação econômica	Especialização econômica	Recomposição social	Política local
Swindon	Sul	Crescimento	Indústria high-tech e serviços	Quadros e Profissões Liberais (operários)	Conservadores (Trabalhistas)
Cheltenham	Sul	Crescimento	Indústria high-tech e serviços	Quadros e Profissões Liberais (burguesia)	Conservadores
I. Thanet	Sul	Estagnação	Turismo	Pequenos empresários e operários (emprego nos serviços)	Conservadores mas divididos
Birmingham	Centro	Estagnação	Indústria automóvel e alimentar	Operários (brancos e afro-caribianos)	Conservadores (Trabalhistas)
Liverpool	Norte	Crise	Indústria e actividades portuárias	Operários e desempregados	Trabalhistas
Lancaster	Norte	Crise	Indústria têxtil	Operários	Trabalhistas (Conservadores)
Middlesbrough	Norte	Crise	Indústria química e siderúrgica	Operários	Trabalhistas e Sindicalismo

Nos locais onde a crise se fez sentir com maior intensidade não se registaram mudanças importantes, nem nas estruturas sociais, nem no poder político. Pelo contrário, nos locais onde se verificou um crescimento económico significativo, quase sempre ocorreram mudanças nas estruturas sociais, com a afirmação dos quadros e profissionais liberais, e o voto seguiu de perto as políticas centrais que contribuíram para a ascensão dessas áreas. Apesar da identificação das áreas em crise com o voto trabalhista e, ao contrário, das áreas em ascensão com o voto conservador deve referir-se que, independentemente das opções ideológicas, as políticas locais tendem a ser mais efectivas nuns lugares do que noutros (por exemplo, em Cheltenham e na Ilha de Thanet regista-se maior passividade, enquanto Lancaster e Birmingham primam por um paternalismo activo).

Podemos afirmar que esta obra foca as experiências da reestruturação económica, da recomposição social e das mudanças políticas em Inglaterra, através de sete casos de estudo. A metodologia seguida pelos vários autores é idêntica, colocando-se as mesmas questões e tendo como referência a mesma perspectiva teórica.

Na nossa opinião, as vantagens deste tipo de estudo assentam, fundamentalmente, na conjugação da análise dos aspectos económicos, sociais e políticos e no modo como se combinam, a diferentes escalas, para formarem configurações territoriais específicas — os locais.

Os principais limites deste enfoque, de resto reconhecidos pelos autores, são a ausência de mais estudos e o facto de não ser possível generalizar alguns aspectos entre os diversos casos. Deste modo, as questões que se colocam são as seguintes: Será necessário estudar todos os lugares? Qual a dimensão dos lugares a partir dos quais se deverá elaborar um estudo? Preferimos pensar que o livro é brilhante na análise do funcionamento interno das localidades e do modo como se articulam com os processos mais englobantes, nacionais e internacionais, não privilegiando desmesuradamente a vertente económica. O local não pode só por si responder a todas as questões que os geógrafos colocam, mas sem dúvida que, numa análise a esta escala, a metodologia seguida se revelou muito profícua.

MÁRIO VALE

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BAGNASCO, A. (1977) — *Tre Italie. La problematica territoriale dello sviluppo italiano*. Il Mulino, Bolonha.
- FERRÃO, J. (1987) — «Indústria e Território: breve história de uma união 'feliz'». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 22, p. 55-68.
- FERRÃO, J.; MENDES BAPTISTA, A. (1989) — «Industrialização e Desenvolvimento Endógeno em Portugal». *Sociologia — Problemas e Práticas*, n. 7, p. 43-64.
- FUÀ, G.; ZACCHIA, C. (1983) — *Industrializzazione Senza Fratture*. Il Mulino, Bolonha.

- GAROFOLI, G. (1978) — *Ristrutturazione Industriale e Territorio*. Franco Angeli Editore, Milão.
- STOHR, W. (1981) — «Development from Below: the bottom-up and periphery-inward development paradigm» in STOHR, W.; TAYLOR, D. F. — *Development from Above or from Below?* John Wiley, Chichester.